

A CHARGE JORNALÍSTICA E A CRÍTICA À ESCASSEZ

Maria Cristina de Moraes Taffarello*

RESUMO

Baseando-nos nos conceitos bakhtinianos de dialogismo e polifonia, o objetivo principal deste artigo é examinar a indirectude e a tendenciosidade relacionadas ao tema de crítica à escassez em algumas charges jornalísticas, publicadas na *Folha de S. Paulo*.

Palavras-chave: charge; discurso; polifonia; piada difamatória; piada expositora.

ABSTRACT

Based on bakhtinian concepts of dialogism and polyphony, the main goal of this article is to examine the indirectude and tendentiousness¹ related to the theme of criticism to shortage in some journalistic charges published in the *Folha de S. Paulo*.

Key-words: discourse; polyphony; denigration joke; exposure joke.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Freud, apenas os chistes que têm um propósito correm o risco de encontrar pessoas que não querem ouvi-los. O objetivo principal deste artigo é examinar a indirectude e a tendenciosidade relacionadas ao tema de crítica à escassez em algumas charges publicadas na *Folha de S. Paulo*, as quais, provavelmente, nem sempre encontram pessoas que gostam de vê-las. Tais charges, por serem diárias, retomam alguma matéria da primeira página do jornal e, através de recursos icônicos e lingüístico-discursivos, traduzem, de alguma forma, a voz da editoria. Elas se encaixam, em relação aos objetivos do humor, nos chamados textos de denúncia e de crítica social, sobretudo política. Nosso apoio teórico são os conceitos bakhtinianos de dialogismo e polifonia. Teceremos breves comentários sobre a constância de alguns temas criticados, seguindo os passos de Possenti (1998) num estudo discursivo-pragmático % sendo que as análises de cunho pragmático se justificam pela necessidade de ter de recorrer a determinada situação

* Doutora em Lingüística pela UNICAMP. Professora de Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta. Professora de Português Instrumental da Faculdade de Administração Padre Anchieta.

¹ *Tendentiousness* é um termo adaptado de *tendenciosidade*, extraído de FREUD, Sigmund. (1905) *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

histórica ou a características próprias de um político, supostamente reconhecidas pelos leitores. Tomaremos também por base Raskin (1985), que discrimina duas classes de piada política, a que agride e a que expõe, dependendo do alvo a ser atingido. Embora seguindo os pressupostos desses autores, distanciamos-nos um pouco deles pela peculiaridade do *corpus*, tentando verificar as estratégias de produção dos efeitos de humor desejados pelos “chargistas de plantão”, na expressão de Possenti (1998:117).

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Numa visão dialógica na linha bakhtiana, se constata que, para além do sistema lingüístico, o sistema sógnico em geral, ao lidar com fatores sócio-interativos e culturais, envolve escritor / desenhista-leitor num decisivo jogo comunicativo. A dicotomia língua / fala se vê arrebatada pela inevitável presença da ideologia, instalada na linguagem do discurso, isto é, da interação realmente engajada e polifônica, apoiada numa versão filosófica do chamado “discurso heterogêneo”. As charges compõem um bom laboratório de pesquisa nesse aspecto, como veremos.

Não é à toa que Pêcheux (1985), em estudos posteriores, prefere a expressão “análise de discurso” a “análise do discurso” (AD), diante do deslocamento da primazia da materialidade escrita para outras formas de materialidade, sobretudo a não-verbal. Maingueneau (2001:57), esclarecendo a heterogeneidade de um texto, não só comenta a diversidade de vozes, mas também “a associação, no mesmo texto, de signos lingüísticos e signos icônicos (fotos, desenhos etc.)”. Ainda afirma que “Em um nível superior [ao do enunciado], todo texto constitui em si mesmo uma imagem, uma superfície exposta ao olhar.” (Maingueneau, 2001:81). É a AD aproximando-se inevitavelmente da Semiótica.

A utilização da noção de polifonia neste trabalho se deve sobretudo ao fato de nosso objeto de estudo envolver questões não só de discurso parodístico, mas também de pré-construído, que “remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado.” (Henry, apud Pêcheux, 1988:95). Todo e qualquer texto é resultado da leitura de outros textos-leitura de determinada sociedade e momento histórico e de outras obras de diferentes gêneros (no caso, o jornalístico), a qual o escritor (ou o falante) incorpora à sua leitura ou a ela se opõe.

Dentre os elementos verbais possíveis de ocorrer na charge, Romualdo (2000) distingue a fala das personagens (quando dentro dos balões, próxima das personagens ou direcionada por um apêndice), as palavras que representam ruído (por exemplo, onomatopéias ou palavras onomatopaicas), algumas figuras (por exemplo, anúncios e placas) com função de informar ou caracterizar um elemento da situação, e as legendas, voz do narrador. Embora não tenha mencionado, acrescentamos o título, forte elemento de contextualização responsável pela coerência

textual.

Diante do exposto, um de nossos objetivos passa a ser o de demonstrar a atuação crítica da voz do narrador-locutor da charge, a qual se alia a outras vozes no retumbante jogo argumentativo e polifônico da linguagem, experimentando sensações e emoções, isto é, passível de alegria (pelo riso) justamente porque passível de dor, oriunda da triste situação que a charge deseja desmascarar: tal paradoxo é sua característica carnavalesca, no sentido bakhtiniano de “vida às avessas”. A charge, normalmente, exige uma dupla leitura: “lemos a seriedade / autoridade (primeira máscara) e, ao mesmo tempo, a ridicularização dessa autoridade / seriedade (segunda máscara)” (Romualdo, 2000:45). Protegendo-se, portanto, atrás de máscara, o chargista, no caso Glauco e Angeli, se isenta de questionamentos, denegando o caráter derrisório da charge².

3. A CHARGE E A CRÍTICA À ESCASSEZ

Em relação aos temas de humor político, Possenti (1998:110) expõe que são de críticas variadas: à classe dos políticos em geral, a determinada concepção de política e a temas particularizados, quer seja, a ditadura, a corrupção, a mentira, a presunção, a burrice, alguns dos quais as charges analisadas acabam por demonstrar. Para esse autor (1998:118), o texto chágico não destoa de outros tipos de humor, “apenas circula em veículo específico”.

Em particular, baseamo-nos em Raskin (1985), segundo o qual há duas classes de piada política: as piadas difamatórias (*denigration jokes*), que atacam uma pessoa, um grupo, uma idéia ou uma sociedade inteira, e as piadas expositoras (*exposure jokes*), que visam a desmascarar um regime político, fazendo referência a eventos não amplamente publicados e normalmente suprimidos por tal regime.

Entre os temas possíveis de exposição está a escassez. Decorrentes de regimes políticos repressivos, Raskin observa que tais piadas se baseiam no *script* da abundância e sua realística negação. No caso das charges analisadas, constata-se que é difícil distinguir a piada difamatória da expositora, pois a imprensa, como observa Pêcheux (1983), tem hoje a liberdade de construir discursivamente uma espetacularização dos acontecimentos, sobretudo políticos. Debord (1997) já distinguira, no final dos anos 60, duas formas do chamado poder espetacular: a *concentrada*, do totalitarismo soviético, e a *difusa*, do capitalismo ocidental. Vinte anos depois, as integra numa terceira forma, a *espetacular integrada*, resultado da globalização, sobretudo cultural.

A charge jornalística constitui justamente um gênero que se subtrai à *ordem do discurso* (Foucault, 1999), a qual regula a livre circulação dos enunciados, de modo

² *Derrisão* é a “associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da pura injúria” (Bonnafeous, 2003:35).

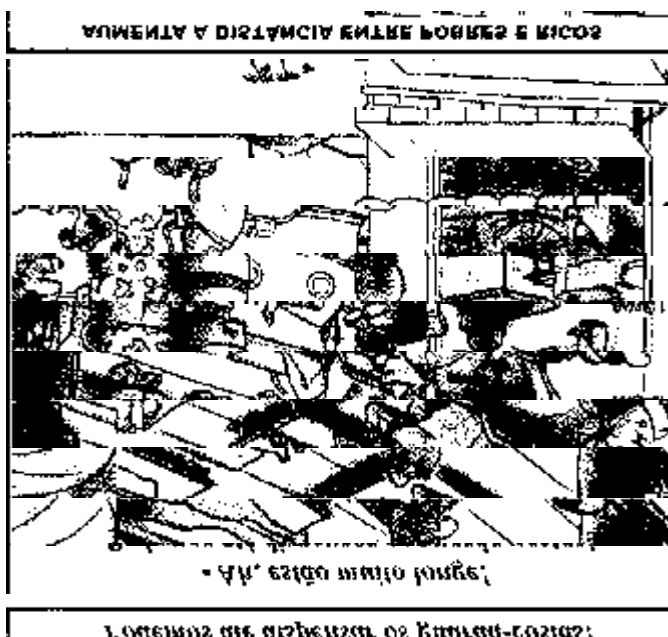
a controlar a proliferação dos discursos. Dessa forma tal gênero textual vai ao encontro das palavras de Bonnafous (2003:40):

Essa prática da derrisão coloca, evidentemente, a delicada questão da distinção entre a 'farsa' (*blague*) e a 'caricatura' que seriam essencialmente humorísticas e a injúria e o sarcasmo que seriam, sobretudo, de tendência agressiva.

Na verdade, a charge difama, ridicularizando, e expõe, esquivando-se, na brincadeira, de ter de fundamentar seus ataques; cativa ou incorpora seu leitor pelo riso através de sua criatividade verbal e não-verbal, tornando-o seu co-enunciador ou fiador do que vê/lê:

Com efeito o texto escrito possui, mesmo quando o denega, um *tom* que dá autoridade ao que é dito. Esse tom permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não, evidentemente, do *corpo* do autor efetivo). A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de *fiador* do que é dito. (Maingueneau, 2001:98).

4. CHARGE JORNALÍSTICA: UMA PRÁTICA



Charge I – Angeli – 9/7/2003



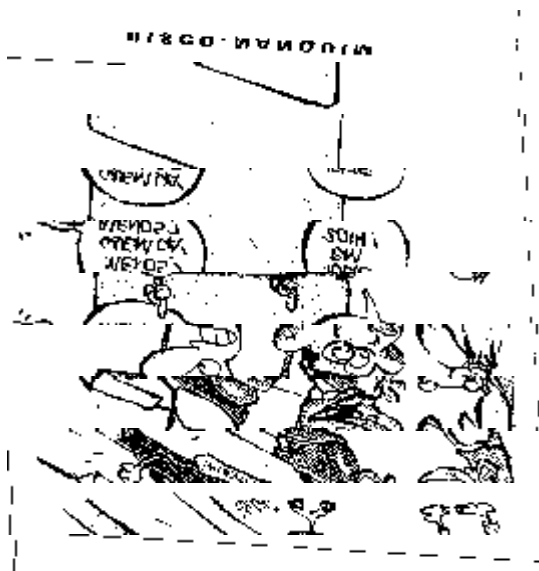
Charge II – Glauco – 8/4/2000

Observemos as charges I (de Angeli), de 9/7/2003, e II (de Glauco), de 8/4/2000. Embora distem no tempo, ambas demonstram o *script* da abundância X o da escassez. Na primeira, a legenda *umenta a distância entre pobres e ricos* merece dois comentários: em primeiro lugar, respalda-se na memória de uma constatação secular, a saber, o fosso que separa reis e escravos, senhores feudais e vassallos, burgueses e proletários, enfim, ricos e pobres; em segundo lugar, por um desvio semântico, considera a expressão *umentar a distância* no sentido literal, o que se nota, evidentemente, pelas caricaturas do conforto e “(des)preocupação” dos ricos. Dizemos (des)preocupação porque, na demonstração das falas (-Ah, estão muito longe! Podemos até dispensar os guarda-costas!), há uma preocupação com os pobres, mas no sentido de ameaça à segurança do rico, e não da situação “real” de pobreza, em relação à qual há total ausência de preocupação. Neste caso, o ataque é à classe dos ricos em geral, mas, por extensão, a uma situação econômica pouco louvável.

Aliás, essa charge dialoga com um dos Editoriais do dia (Entre Bélgica e Índia), que expõe o relatório anual da ONU sobre o desenvolvimento humano, tendo-se em conta indicadores sociais e de renda. De 175 países, o Brasil ocupava o 65º lugar, posição quase equidistante às da Bélgica (6º) e da Índia (127º).

Cria-se, portanto, um efeito de sentido resultado de uma tensão dialética entre um *dado* (a memória discursiva) e um *novo* (algo que se desloca no momento da enunciação), o que caracteriza a piada (Possenti, 2001) e, no caso, o texto chágico.

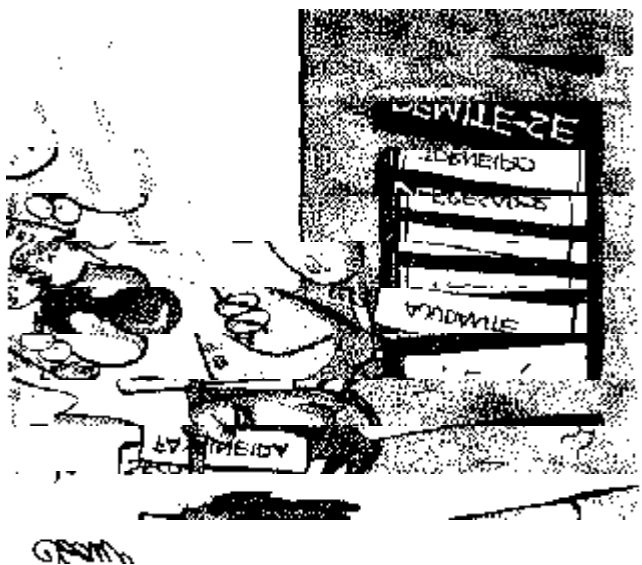
A charge II, por sua vez, tem por alvo o político e a política; no caso, a figura caricata do ministro Malan, então no governo de Fernando Henrique Cardoso. Como na charge anterior, a legenda *Sintonia com a realidade* tem papel relevante, pois nos situa, de maneira fortemente irônica, em relação a seu avesso: total falta de sintonia com a realidade, evidenciando o *script* da incompetência de um político, sobretudo um ministro, cuja fala: *Fala pra ele [pobre] me mandar um e-mail.*, dispensa comentários. A fala *Estamos com pressa, Jarbas.* também realça a questão da incompetência: pressa para quê, se o que deve ser feito não o é? Interessante também observar que a roupa do mendigo tem os dizeres jornalísticos impressos: *“Mínimo dá e sobra.”* Por ser mês de abril, nota-se que a questão principal era, como sempre, a discussão em torno do valor do salário, sempre mínimo. Com esse salário, como ter acesso a computador? E, por extensão, à educação em geral? E quantos problemas sociais podem ser trazidos à tona, sendo ridicularizados numa espécie de humor negro...



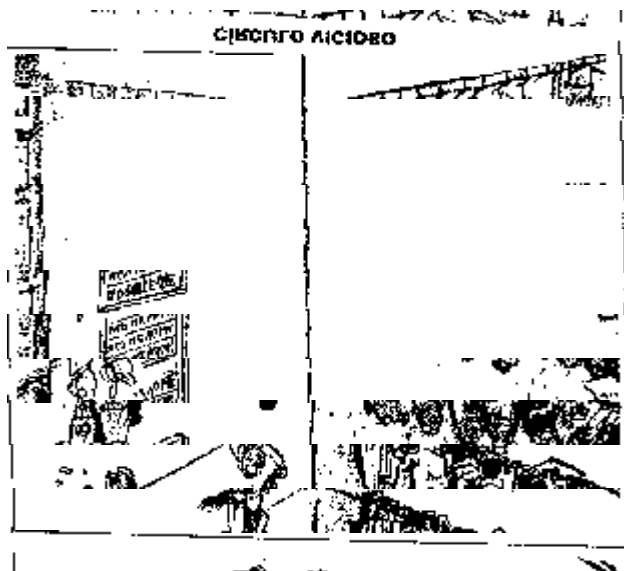
Charge III – Glauco – 24/6/2004

tação de diferentes vozes da enunciação de um mesmo enunciado: *Nada de iogurte, refrigerante, bolachas com recheio...*, em situações completamente díspares (ver desenhos), traduzindo dois discursos divergentes: o da miséria e o da abundância. Como os alimentos mencionados na fala são normalmente considerados supérfluos: *iogurte, refrigerante e bolacha*, no primeiro caso significam, pelo uso da expressão *nada de*, “ausência de”, ou seja, a constatação de um fato realístico. Evidentemente o humor é provocado também pela ironia que desmascara o fato de que, com a ajuda irrisória da campanha, o pobre continua pobre, ou não melhora nem um pouquinho para poder comprar guloseimas... Já no segundo quadro, *nada de* tem o valor ilocucionário de ordem, imposição: a modelo tem de manter as linhas, logo não pode comer...

Uma voz do senso comum ecoa em uníssono com a do autor-narrador-jornalista: “Alguns têm tanto e outros não têm nada”, e se completa: “E estão fadados a continuar assim, porque essa campanha nada irá resolver etc.” Todas as inferências necessárias à interpretação dessa charge podem até ter dado um pouco de trabalho ao leitor, mas com certeza o fizeram rir (ou chorar?) mais alto.



Charge V – Glauco – 1º/11/2003



Charge VI – Angeli – 1º/3/2004

As charges V (Glauco), de 1º/11/2003, e VI (Angeli), de 1º/03/2004, embora quatro meses as distanciem, abordam outro subtema da escassez, o desemprego. No primeiro caso, a intertextualidade se dá com a manchete do dia: *Governo passa meta do FMI em R\$ 2,9 bi*. Mesmo sem entender muito de economia, conclui-se que “economia” do setor público se deve a sacrifícios do povo, sobretudo os impostos sobre a classe assalariada. Na charge V, o que suscita estranheza (e riso?) é um *Demite-se* no lugar do *Admite-se*, seguido dos cargos demissíveis. Na charge VI, ocorre a voz do narrador denunciando, através da legenda, um “círculo vicioso”, e a placa apresenta um *admite-se*, com a realística incoerência: *não há vagas* em nenhum setor, o que leva o povo (demonstrado nos desenhos) ao círculo: desemprego-pobreza, pobreza-desemprego. A mídia, representada nessas charges, articula de uma só vez a sociedade e a memória, escancarando a construção da própria história e do que representam nela os temas do *emprego* e do *trabalho*, reduzidos a um contra-discurso dos próprios políticos. Em outras palavras, não há saída, pelo menos até que algo seja feito, e não só prometido, pelas autoridades responsáveis.

5. CONCLUSÃO

A charge, considerada como texto, é de grande complexidade, não só por se concretizar por diferentes sistemas sígnicos, mas sobretudo por ser humorística – o que exige uma leitura mais atenta, porém compensada pelo riso catártico e punitivo. O seu sentido não pode ser desvendado em um espaço hermético, a depender de posições enunciativas isoladas, mas deve ser compreendido como circulação dissimétrica de posições enunciativas de diferentes sujeitos, de diferentes vozes direta ou indiretamente conduzidas, não se pode negar, pela destreza do chargista de plantão.

Se a derrisão toma uma pessoa como alvo, é sobretudo sua convicção e atuação políticas que pretende atacar. O chargista, ao estabelecer uma cumplicidade com seu leitor, não mais pode dissociar, por exemplo, jogo de palavra e injúria, caricatura e sarcasmo, ironia e vingança. Esse é o paradoxo a que nos leva a espetacularização da política, da qual a charge jornalística, sobretudo no Brasil, é uma das filhas diletas, haja vista a amplidão de temas e subtemas de crítica, mesmo que nos limitemos a um deles, por ora a escassez.

BIBLIOGRAFIA

BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen. In: GREGOLIN, M. do R. (org) *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Paulo: Claralux, 2003. p. 35-48.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.

MAINGUENEAU, D. *Análises de texto de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

PÊCHEUX, M. Rôle de la mémoire. In: ACHARD, P., GRUENAI, M-P., JAULIN, D. (ed) *Histoire et Linguistique*. Paris: Du CNRS, 1985, p. 261-67.

_____. *Semântica e discurso; uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. (1983) *Discurso. Estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____ Ainda sobre a noção de efeito de sentido. In: GREGOLIN, M. do R. (org) *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Paulo: Claralux, 2001. p. 45-59.

_____ Notas sobre a língua na imprensa. In: GREGOLIN, M. do R. (org) *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Paulo: Claralux, 2003. p. 67-82.

RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht, Reidel, 1985.

ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.